

# Cenário LCA

2 de abril de 2024

**Mercados ficam mais voláteis em meio à maior incerteza na política monetária**

**Ao longo dos últimos dias os mercados financeiros globais tornaram a reavaliar o horizonte e a velocidade da esperada flexibilização da política monetária do FED, exercendo pressão sobre as taxas globais de juros.**

**Os “vilões” dessa nova reavaliação são velhos conhecidos: o dinamismo da atividade norte-americana, sobretudo do consumo; a robustez do mercado de trabalho; e a resiliência da inflação, sobretudo de serviços.**

**Apesar de reforçarem a percepção de que o FED “não está com pressa” para baixar os juros, os indicadores recentes não alteraram nossa expectativa de que um ciclo de flexibilização não tardará a ser iniciado.**

**Isso, em boa medida, porque concordamos com a avaliação do FED de que o balanço de riscos está se deslocando para um maior equilíbrio, ainda que de forma gradativa e irregular.**

**Assim, nosso cenário base continua a antever que os cortes de juros serão iniciados na passagem do 1º para o 2º semestre, e que serão intercalados (será determinado um a cada duas reuniões de política monetária).**

**No Brasil, o Banco Central indicou que dará continuidade ao ciclo de flexibilização monetária, mas encurtou o horizonte de sua sinalização prospectiva, para ter maior flexibilidade na condução da política monetária.**

**Esse ajuste na sinalização prospectiva ocorreu num contexto em que, também aqui, a atividade – em particular o consumo das famílias – vem mantendo bom dinamismo, amparado pela solidez do mercado de trabalho.**

**A versão mais recente da ata do Copom dedicou espaço relevante ao mercado de trabalho, que, na visão da autoridade monetária, encontra-se “aquecido e com aceleração nos rendimentos reais”.**

**Com isso, o Banco Central revelou “maior preocupação com possíveis efeitos da ampliação de ganhos reais e da aceleração de crescimento da massa salarial sobre a dinâmica prospectiva da inflação de serviços”.**

**Ademais, indicou que “surpresas inflacionárias na inflação de serviços, em particular em seus componentes subjacentes e itens intensivos em trabalho, suscitam dúvidas sobre a velocidade da desinflação prospectiva”.**

**Assim, os desenvolvimentos recentes nas conjunturas externa e doméstica vêm ao encontro de nossa expectativa de que o Copom deverá desacelerar o ritmo de corte da Selic a partir de junho.**

**Mas avaliamos, por ora, ser improvável que o Copom venha a interromper o ciclo de flexibilização monetária antes que a Selic seja reduzida para nível próximo do intervalo superior de nossa estimativa de juro neutro.**

**Isso porque as principais medidas de núcleo do IPCA continuam a correr em níveis compatíveis com as metas, num contexto em que as pressões de custos nas cadeias industriais seguem bastante contidas.**

**Ademais, avaliamos que a atividade doméstica também atravessará um período de moderação, em função dos efeitos indiretos da retração do setor agropecuário e da diluição dos impactos do pagamento de precatórios.**

**Não obstante, é preciso reconhecer que aumentaram as chances de que o Banco Central venha a interromper (ou ao menos pausar) o ciclo de cortes da Selic antes do que ora projetamos em nosso cenário base.**

Publicação produzida pela LCA exclusivamente para clientes. Reprodução proibida.

Este relatório foi preparado com informações de acesso público, analisadas rigorosamente pela LCA. O usuário deste material assume integralmente a responsabilidade pelas consequências da sua utilização.

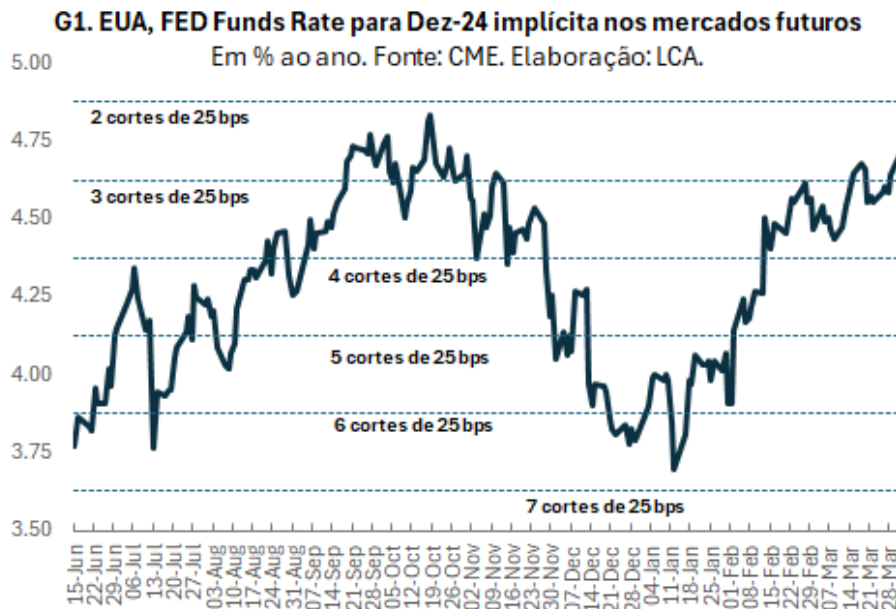
Rua Cardeal Arcoverde, nº 2450 | Conjunto 301 ao 309 | Bairro Pinheiros | CEP 05408-003 | São Paulo – SP | Tel + 55 11 3879-3760 | fax 3879-3737 | [contato@lcaconsultores.com.br](mailto:contato@lcaconsultores.com.br) | [www.lcaconsultores.com.br](http://www.lcaconsultores.com.br)

Caso queira atualizar um endereço eletrônico ou parar de receber nossas publicações, [clique aqui](#)



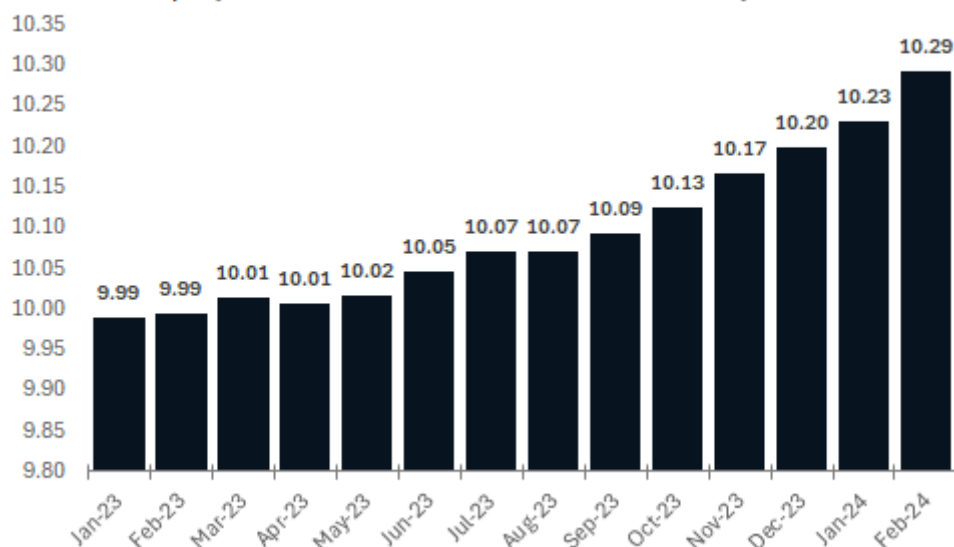
## EUA: dinamismo da atividade e do mercado de trabalho tornam a pressionar taxas de juros

Ao longo dos últimos dias os mercados financeiros globais tornaram a reavaliar o horizonte e a velocidade da esperada flexibilização da política monetária do FED, o banco central dos EUA. A probabilidade, embutida nos contratos futuros, de que o FED venha a cortar sua taxa básica de juros ainda neste primeiro semestre de 2024 recuou para abaixo de 50% no começo desta semana; e o “orçamento” de cortes projetado pelo mercado para o acumulado deste ano recuou para apenas duas a três reduções de 25 pontos-base, muito menos do que os seis a sete cortes de 25 pontos-base projetados no começo do ano (Gráfico 1).



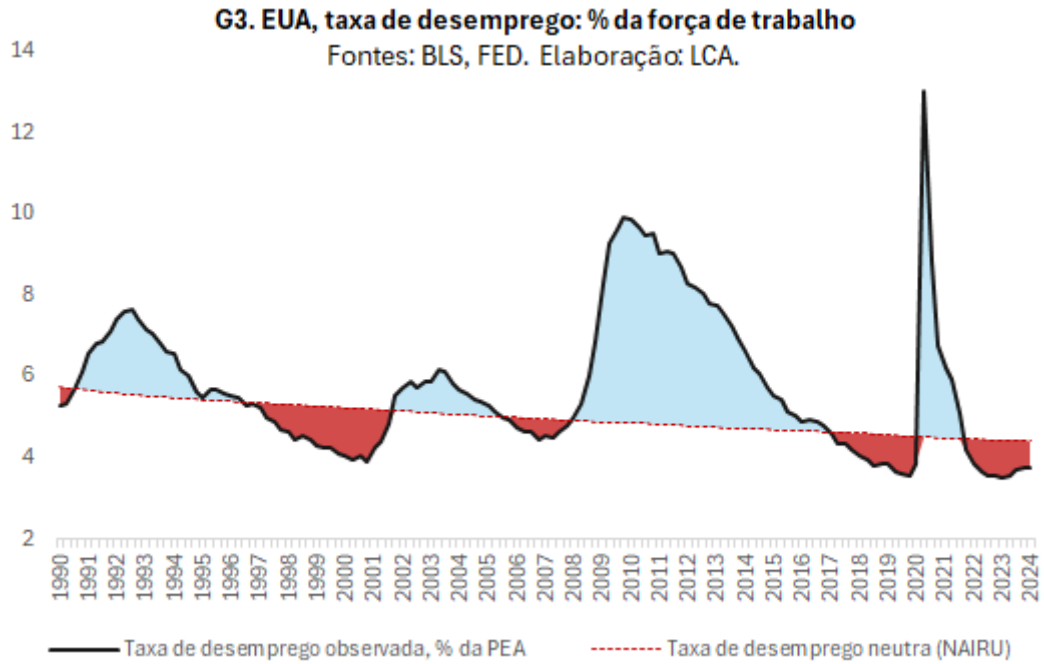
Os “vilões” dessa nova reavaliação são velhos conhecidos: o dinamismo da atividade norte-americana, sobretudo do consumo das famílias; a robustez do mercado de trabalho; e a resiliência da inflação, sobretudo de serviços. Os indicadores econômicos mais recentes vieram corroborar a sinalização, comum à maioria dos diretores do FED, de que “não há pressa” para reduzir a taxa básica de juros dos EUA.

**G2. EUA, evolução do consumo das famílias: Serviços, US\$ trilhões**  
A preços constantes de 2017. Fonte: BEA. Elaboração: LCA.

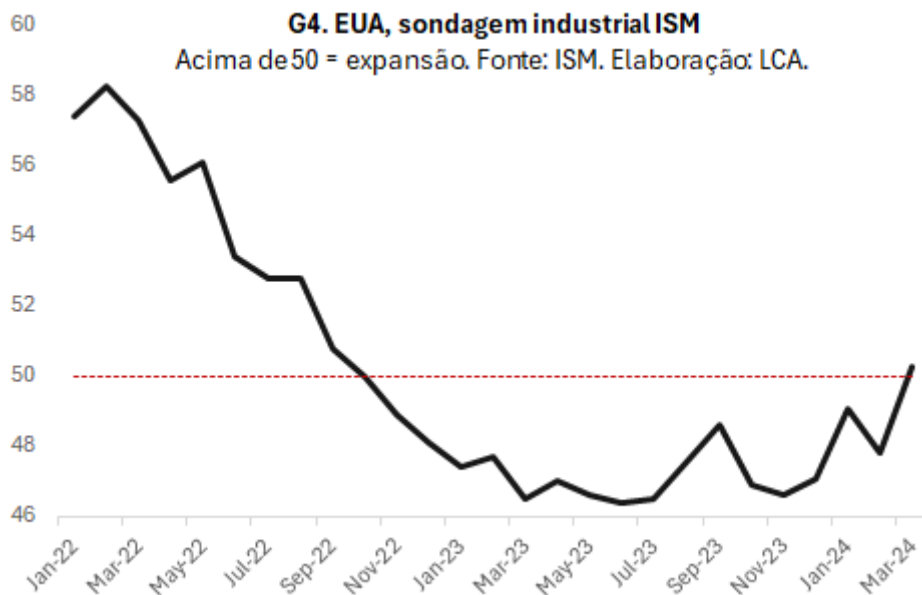


Com efeito, o relatório de fevereiro do consumo das famílias, divulgado no final da semana passada, mostrou que a demanda dos consumidores por bens e, sobretudo, serviços (Gráfico 2) continua a crescer em ritmo firme, num contexto em que, desde o começo de 2022, a taxa de desemprego efetiva vem correndo abaixo da estimativa do FED

para a taxa neutra de desemprego – aquela que não exerce pressão (nem para cima, nem para baixo) sobre a inflação (Gráfico 3).



Ao lado disso, no começo desta semana a sondagem industrial ISM – realizada junto aos gerentes de compras das empresas – veio reforçar o sentimento de forte dinamismo da atividade econômica norte-americana. A sondagem voltou a apresentar leitura positiva, depois de atravessar mais de um ano com observações negativas (Gráfico 4), apresentando altas marcantes em componentes importantes, como novas encomendas, volume de importações e preços pagos aos fornecedores.

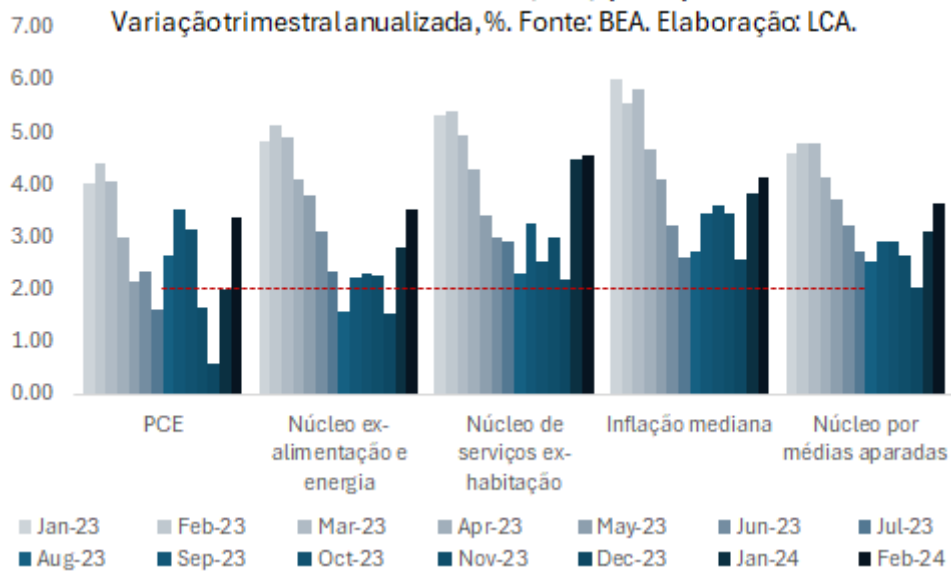


Já em relação à inflação, o resultado de fevereiro do deflator do consumo das famílias mostrou taxas mensais em ligeira desaceleração, porém um pouco mais salgadas do que as expectativas de mercado; e a média móvel de três meses das principais medidas de núcleo acompanhadas pelo FED continua a sugerir que a inflação subjacente segue correndo em níveis algo superiores à meta de 2% perseguida pela política monetária (Gráfico 5).

Apesar de reforçar a percepção de que o FED “não está com pressa” de cortar sua taxa básica de juros, os indicadores recentes da conjuntura norte-americana por ora não alteraram nossa expectativa de que um ciclo de cautelosa flexibilização monetária não tardará a começar a ser implementado. Isso, em boa medida, porque concordamos com a

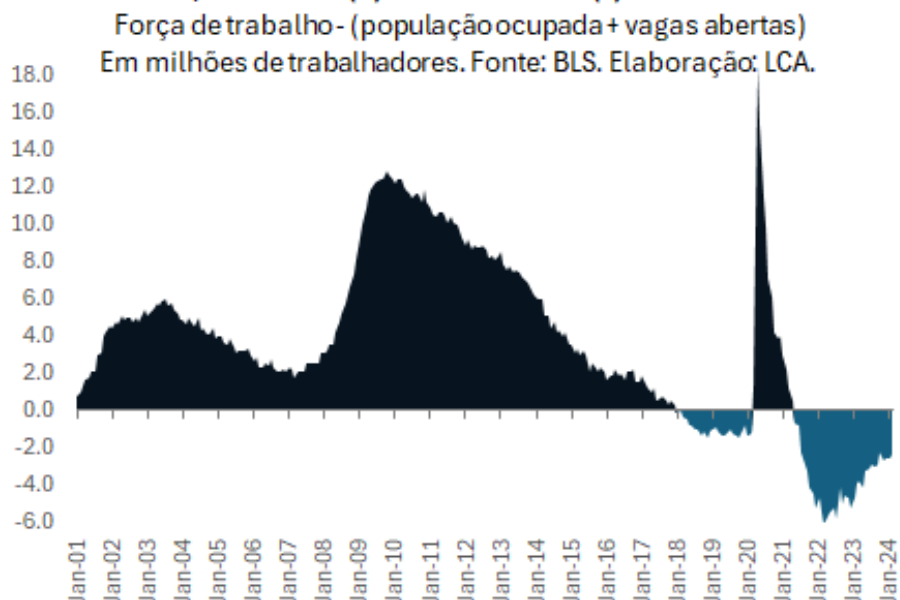
avaliação do FED de que o balanço de riscos de aceleração e de desaceleração da atividade e da inflação está se deslocando, ainda que de forma gradativa e irregular, para um maior equilíbrio.

### G5. EUA, deflator do consumo das famílias (PCE): principais medidas de núcleo



No mercado de trabalho, por exemplo, o balanço entre oferta e demanda de empregos, embora siga apontando para uma certa insuficiência de mão-de-obra, vem claramente evoluindo em direção a um quadro mais equilibrado (Gráfico 6). Ademais, vale notar que, em 41 dos 51 estados norte-americanos, a taxa de desemprego está atualmente em patamar mais elevado do que há um ano – proporção que geralmente só é observada em períodos de recessão (Gráfico 7).

### G6. EUA, excedente (+) ou insuficiência (-) de mão-de-obra

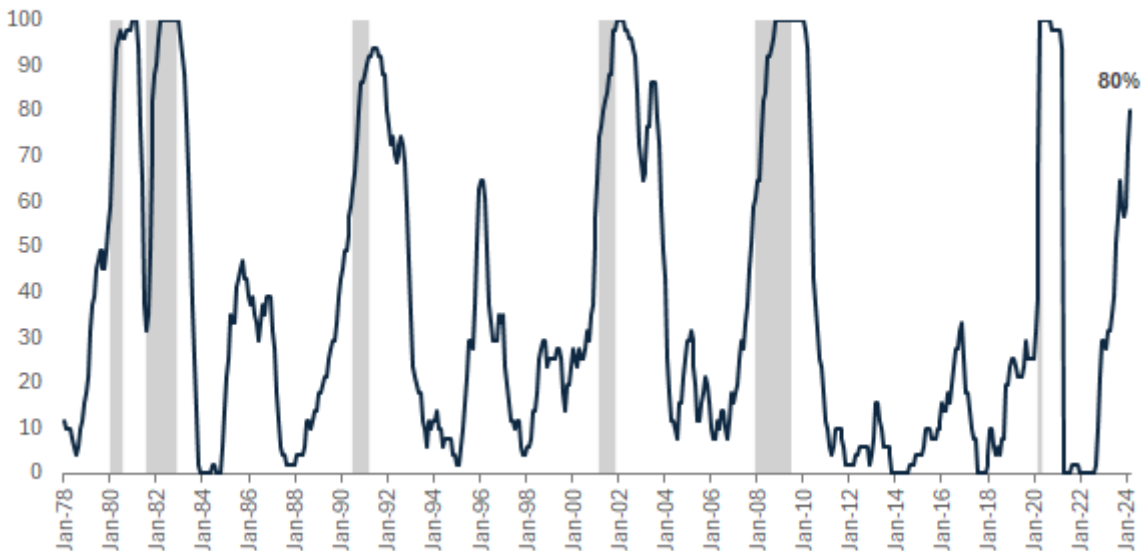


Num contexto em que o excesso de poupança acumulado pelas famílias durante a pandemia parece próximo de se esgotar, a gradativa distensão do mercado de trabalho tende a contribuir para uma paulatina moderação do consumo das famílias ao longo dos próximos trimestres, ajudando a consolidar um cenário de descompressão inflacionária. Ademais, vale registrar que vêm surgindo alguns sinais de elevação da inadimplência (entre consumidores e empresas) e de recrudescimento de riscos no sistema bancário – situação que pode instigar o FED a começar o ciclo de flexibilização monetária em horizonte não muito distante.

Nosso cenário base continua a antever que o ciclo de flexibilização será iniciado na passagem do 1º para o 2º semestre; e que ele será implementado através de cortes intercalados de juros – ou seja, por meio de uma redução de 25 pontos-base a cada duas reuniões do FOMC (o comitê de política monetária do FED). Se nosso cenário vier a se materializar, o fortalecimento adicional do dólar nos mercados internacionais de câmbio observado ao longo dos últimos dias, bem a conseqüente pressão registrada sobre os ativos e moedas emergentes, tenderá a refluir gradativamente.

### G7. EUA, proporção de estados com taxa de desemprego superior à observada um ano antes

Em %. Fonte: BLS. Elaboração: LCA.



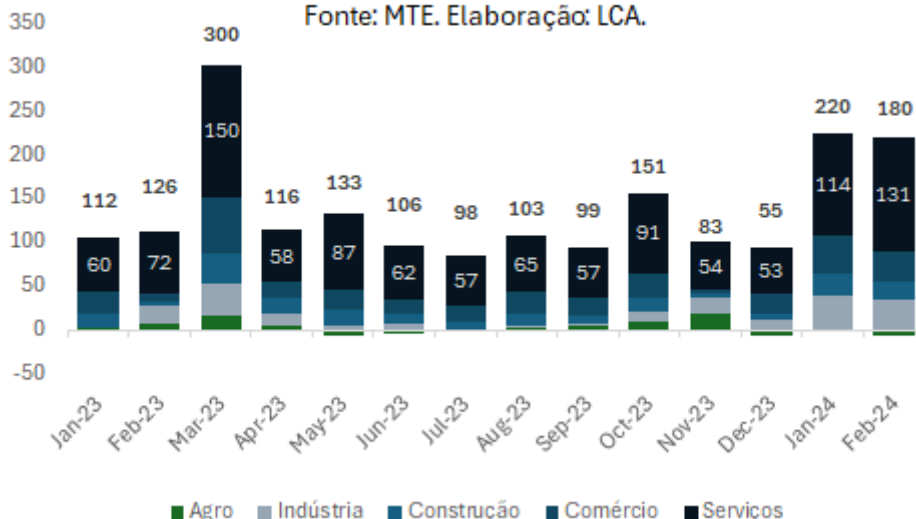
### Brasil: Copom adota tom cauteloso, mas ciclo de corte de juros não deverá ser interrompido

A reavaliação, nos mercados globais, quanto ao timing e à velocidade do corte de juros pelo FED levou o câmbio doméstico a voltar a operar um pouco acima dos R\$ 5,00 por dólar nos últimos dias. Apesar dessa moderada pressão recente, continuamos a avaliar que a evolução do câmbio deverá ter influência neutra sobre a inflação ao longo deste ano – o que equivale a prever que a cotação não irá se distanciar muito desses R\$ 5,00 por dólar.

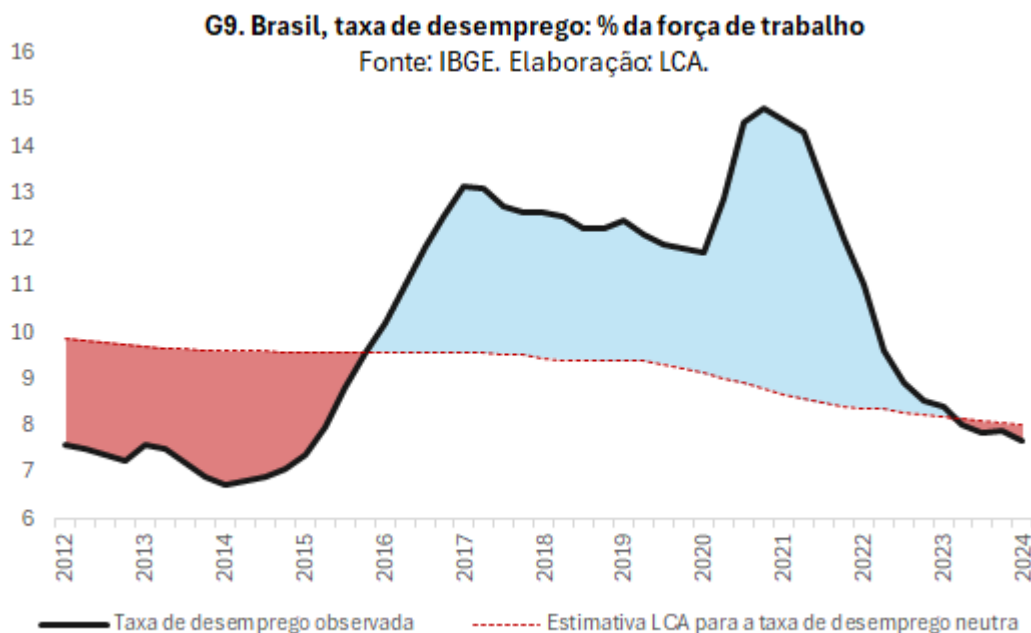
Assim, avaliamos que a evolução da conjuntura doméstica continuará a exercer influência preponderante sobre as decisões da política monetária doméstica – que já acumula flexibilização importante desde agosto do ano passado: no período a taxa básica Selic foi reduzida em 300 pontos-base, de 13,75% para 10,75% ao ano.

### G8. Caged, saldo mensal: em mil empregos formais

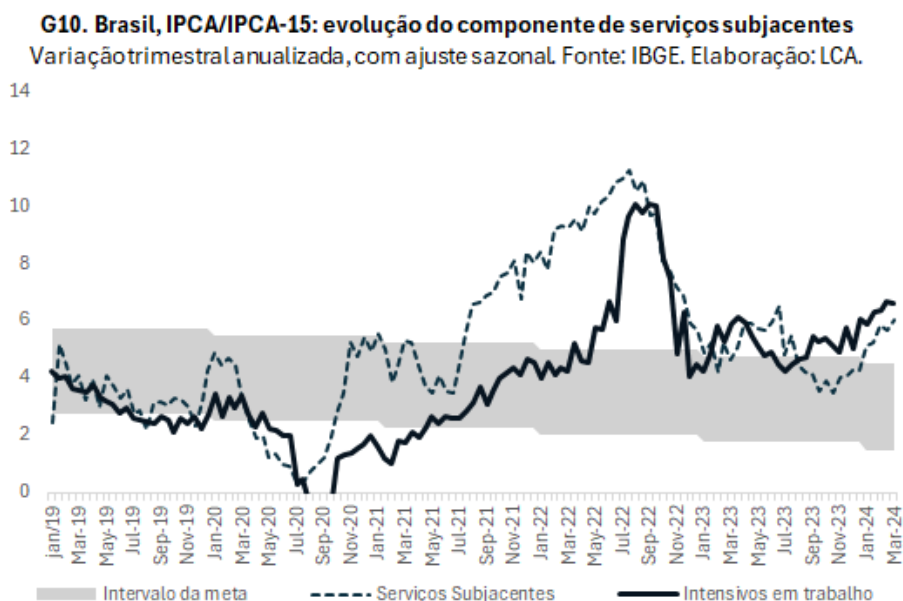
Fonte: MTE. Elaboração: LCA.



Nos documentos mais recentes de política monetária – como a Ata do Copom e o Relatório Trimestral de Inflação (RTI), divulgados na semana passada – o Banco Central indicou que dará continuidade ao ciclo de flexibilização monetária, mas encurtou o horizonte de sua sinalização prospectiva. Até há pouco, a autoridade vinha indicando que manteria o ritmo de corte da Selic em 50 pontos-base nas “próximas reuniões”. Na ata mais recente, contudo, passou a indicar a manutenção do ritmo de corte apenas para a “próxima reunião”, pois julgou “apropriado ter maior flexibilidade” na condução da política monetária daqui por diante.



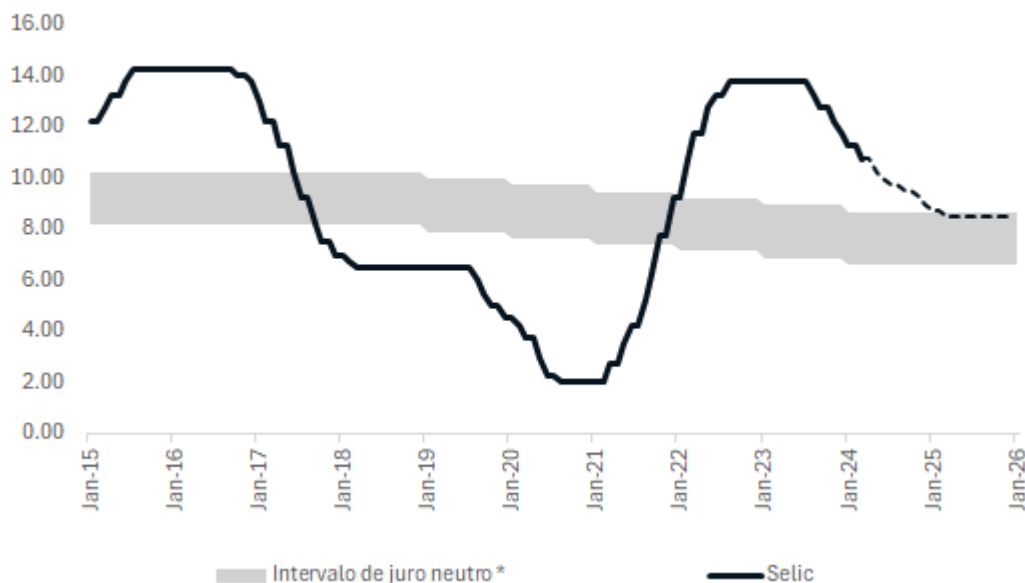
Esse ajuste na sinalização prospectiva ocorre num contexto em que, também aqui, a atividade econômica – em particular o consumo das famílias – vem mantendo bom dinamismo, amparado pela solidez do mercado de trabalho. A esse propósito, a ata do Copom dedicou espaço relevante ao mercado de trabalho, que, na visão da autoridade, encontra-se “aquecido e com aceleração nos rendimentos reais”. Nessas circunstâncias, o Banco Central avaliou que “os aumentos salariais no período corrente”, assim como “os rendimentos pressionados”, não são “explicados majoritariamente por ganhos de produtividade”, mas por “pressões no mercado de trabalho”.



As pesquisas mais recentes tendem a corroborar esse diagnóstico do Banco Central: o Caged apontou relevante aceleração da criação de empregos formais no primeiro bimestre deste ano (Gráfico 8); e a PNAD-Contínua mostrou continuidade da forte aceleração dos ganhos salariais (ver Análise LCA de 28 de março), num contexto em que a taxa de desemprego vem correndo abaixo de nossa estimativa para a taxa de desemprego neutra (Gráfico 9).

### G11. Evolução observada e projetada para a taxa básica Selic (em % ao ano)

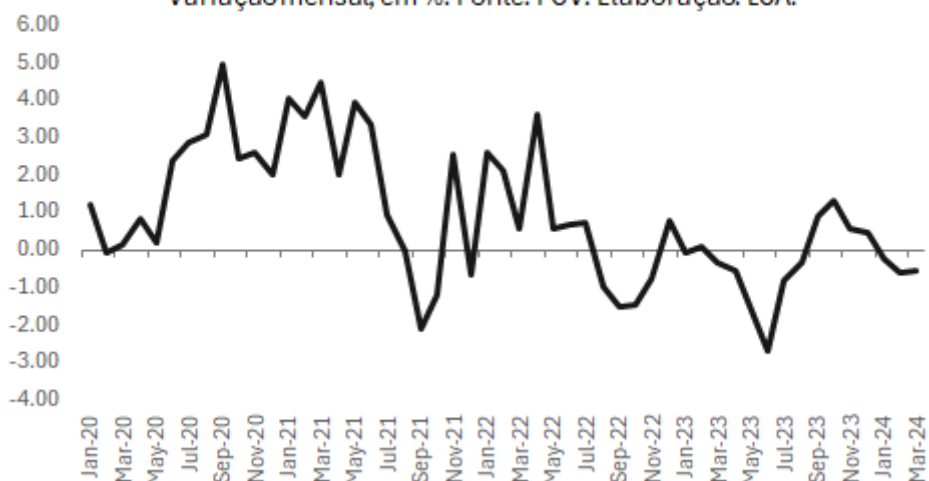
\*3,5% a 5,5% a.a. acima da meta de inflação. Fonte: BCB. Elaboração: LCA.



Nessas circunstâncias, a autoridade revelou “maior preocupação com possíveis efeitos da ampliação de ganhos reais e da aceleração de crescimento da massa salarial sobre a dinâmica prospectiva da inflação de serviços”, indicando que “surpresas inflacionárias na inflação de serviços, em particular em seus componentes subjacentes e itens intensivos em trabalho, suscitam dúvidas sobre a velocidade da desinflação prospectiva”. De fato, como temos alertado, a inflação subjacente de serviços voltou a acelerar nos últimos meses, com destaque para os segmentos intensivos em mão-de-obra (Gráfico 10).

### G12. Brasil, inflação no atacado industrial (IPAs encadeados)

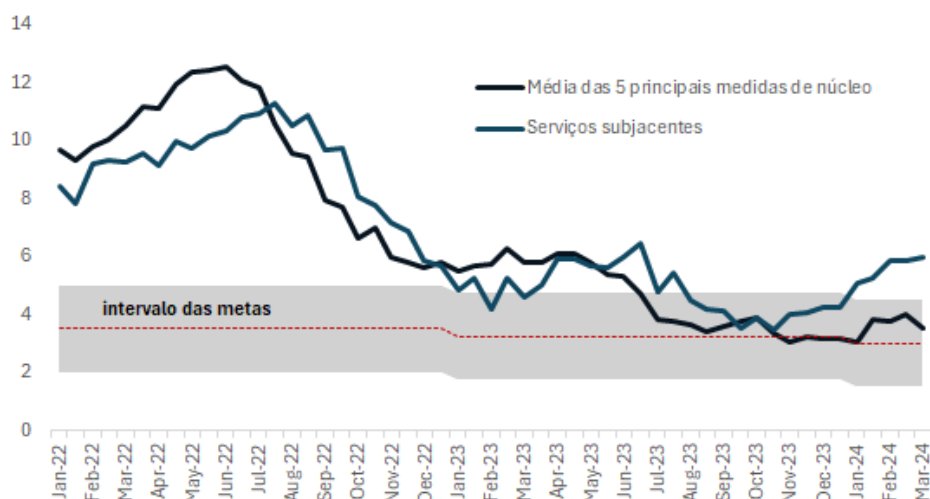
Variação mensal, em %. Fonte: FGV. Elaboração: LCA.



Esses desenvolvimentos recentes vêm ao encontro de nossa expectativa de que o Copom irá desacelerar o ritmo de corte da Selic a partir de junho. Mas, por ora, avaliamos que o Banco Central dará sequência ao ciclo de flexibilização monetária, de maneira ininterrupta, até que a Selic seja reduzida para nível próximo do intervalo superior de nossa estimativa de juro neutro (Gráfico 11).

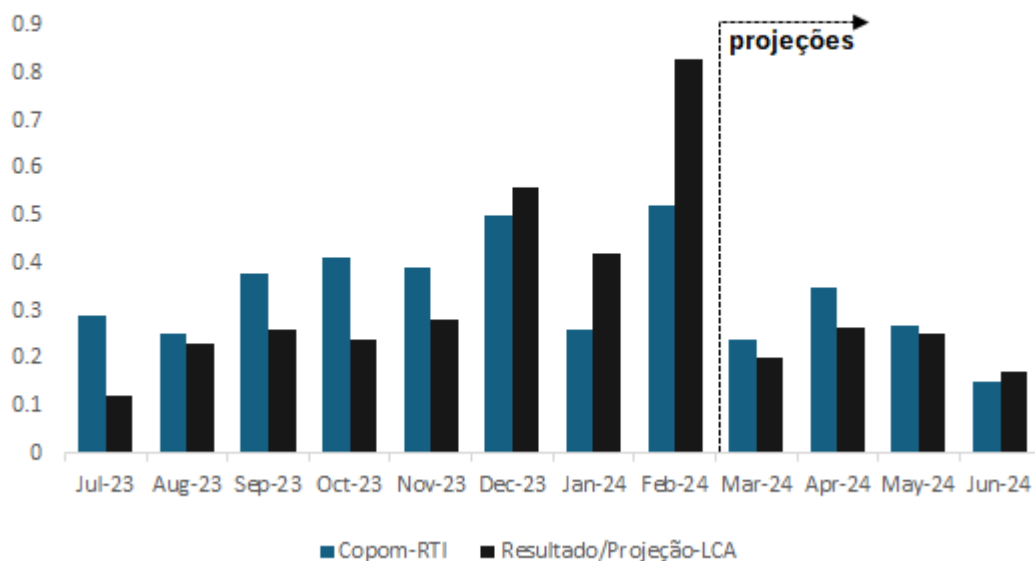
Isso, primeiro, porque o cenário inflacionário ainda parece favorável a um relaxamento da política monetária em direção a uma orientação neutra. De fato, a inflação de bens continua baixa, num contexto em que as pressões de custos nas cadeias industriais seguem bastante contidas (Gráfico 12), reflexo da normalização das cadeias globais de suprimento e da moderação na demanda mundial por matérias-primas, que têm contribuído para manter acomodados os preços internacionais das commodities.

**G13. Brasil, IPCA/IPCA-15: evolução das principais medidas de tendência da inflação**  
Variação trimestral anualizada, com ajuste sazonal (%). Fonte: IBGE. Elaboração: LCA.



Com isso, as principais medidas de núcleo do IPCA continuam a correr em níveis compatíveis com a trajetória das metas de inflação (Gráfico 13), mesmo com a inflação de serviços tendo voltado a ficar pressionada. Ademais, esperamos que a inflação geral medida pelo IPCA volte a correr, nos próximos meses, mais em linha com as projeções do Banco Central – valendo notar que, depois de correr abaixo das expectativas oficiais durante boa parte de 2023, a inflação tem superado as projeções do Copom desde dezembro do ano passado (Gráfico 14).

**G14. Inflação: projeções do Banco Central (RTI) vs. resultados observados**  
IPCA, em % no mês. Fontes: BCB, IBGE. Elaboração: LCA.



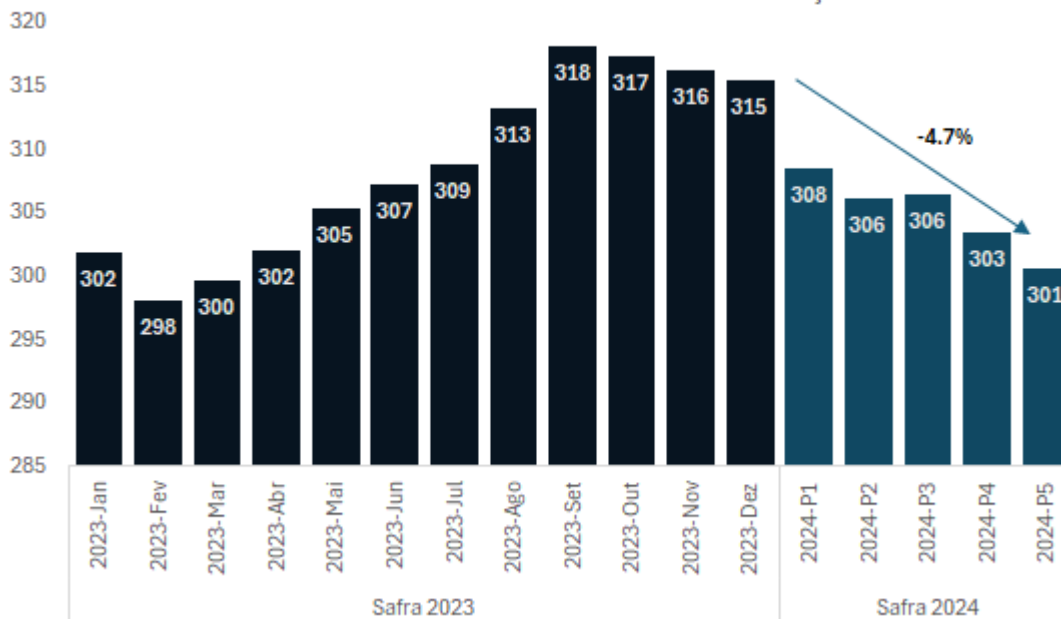
A segunda razão pela qual continuamos a apostar numa flexibilização ininterrupta da política monetária é a nossa avaliação de que o ritmo de crescimento da atividade doméstica também atravessará um período de moderação. Primeiro, porque avolumam-se os indícios de que a safra deste ano sofrerá uma retração importante em relação à safra excepcional observada no ano passado (Gráfico 15).

Como temos argumentado, o setor agropecuário tem um expressivo efeito de “transbordamento” para outros setores e, da mesma forma que contribuiu para melhorar o desempenho geral da economia em 2023, deverá passar a exercer um efeito indireto adverso neste ano. Ademais, parte da pujança do consumo das famílias que vem sendo observado nos primeiros meses deste ano pode estar associada ao pagamento de precatórios – que tende a refluir rapidamente ao longo dos próximos meses. Assim, avaliamos que a esperada moderação no dinamismo da atividade acabará por levar o mercado de trabalho doméstico a também evoluir em direção a um maior equilíbrio.



### G15. Evolução das estimativas de safra de cereais, leguminosas e oleaginosas

Em milhões de toneladas. Fonte: LSPA-IBGE. Elaboração: LCA.



Não obstante, é preciso reconhecer que aumentaram as chances de que o Banco Central venha a interromper (ou ao menos pausar momentaneamente) o ciclo de cortes da Selic antes do que ora projetamos em nosso cenário base. Isso, em boa medida, porque os desenvolvimentos recentes aumentaram a incerteza em torno do cenário inflacionário da autoridade monetária, como explicitado na ata mais recente do Copom, na qual o Banco Central afirmou que “o cenário prospectivo de inflação não se alterou substancialmente, mas se mostra mais incerto”.

#### Fique de olho

O principal destaque na agenda internacional da semana será a divulgação, na 6ª-feira (dia 05), do relatório de março do mercado de trabalho nos EUA. Eventual leitura expressiva na criação de empregos poderá reforçar as pressões sobre as taxas de juros do Tesouro dos EUA, ampliando a volatilidade nos mercados de ativos e moedas emergentes. No Brasil, destaque para a divulgação, nesta 4ª-feira (dia 03), do resultado de fevereiro da produção física da indústria (PIM-PF). Olho também na publicação, na 6ª-feira (dia 05), do resultado da inflação de março medida pelo IGP-DI (ver **Na Agenda**).

---

# Na Agenda

## Indústria

Amanhã (03/04) o IBGE divulgará o resultado da **PIM-PF** (pesquisa mensal sobre a produção física da indústria) referente a **fevereiro** de 2024. Nossa estimativa é de alta de 5,6% em relação ao mesmo mês do ano passado. Descontados os efeitos sazonais, a produção deve ter anotado ligeira alta de 0,1% na passagem de janeiro para fevereiro, após recuo de 1,6% no mês anterior.

A expectativa é de avanço relevante na comparação interanual, o maior desde meados de 2021, impulsionado pela maior quantidade de dias úteis e corridos no mês, uma vez que 2024 é um ano bissexto. Na comparação com janeiro, os bons resultados da produção automobilística (Anfavea), do fluxo pedagiado de veículos pesados (ABCR), da expedição de papelão ondulado (Empapel) e da produção de motocicletas (Abraciclo) apontam para uma variação positiva. Não projetamos desempenho melhor por conta das quedas da produção de laminados (IAB), da extração de petróleo e gás natural (ANP) e da produção de derivados (ANP).

## Inflação

Nesta sexta-feira (05/04) a FGV apresentará o **IGP-DI** de **março**. Projetamos deflação de **-0,50%**, uma queda ligeiramente mais intensa do que a registrada em fevereiro (-0,41%).

Esperamos que o IPA-Agropecuário passe de -1,02% em fevereiro para +0,81% em março, em boa medida pelas altas de *soja, mandioca, tomate, abacaxi, cana-de-açúcar, uva, cacau, mamão, leite, in natura e suínos*.

Em sentido contrário, projetamos que o IPA-Industrial passará de -0,66% em fevereiro para -1,36% em março, pois esperamos quedas em *Indústria Extrativa, Bebidas, Produtos químicos e Produtos de minerais não-metálicos*.

Com isso, projetamos que o IPA como um todo passará de -0,76% em fevereiro para -0,79% em março.

Projetamos que o IPC-DI passará de +0,55% em fevereiro para +0,10% em março, pelas quedas em *Vestuário, Educação, leitura e recreação e Comunicação*, bem como pelas altas mais amenas em *Alimentação, Transportes e Despesas diversas*.

Por fim, esperamos que o INCC-DI passe de +0,13% em fevereiro para +0,25% em março, com destaque para a aceleração de *mão-de-obra*.

# Projeções

## Projeções anuais - Brasil

Indicador	Unidade	2022	2023	Última observação		Projeções	
						2024	2025
PIB (preços de mercado)	US\$ bilhões correntes (4 trimestres)	1.952	2.174	2.173	4T23	2.327	2.467
PIB (preços de mercado)	R\$ bilhões correntes (4 trimestres)	10.080	10.856	10.856	4T23	11.583	12.352
PIB per capita (pm)	US\$ correntes (4 trimestres)	9.088	10.063	-	-	10.712	11.300
PIB per capita (pm)	R\$ correntes (4 trimestres)	46.937	50.260	-	-	53.329	56.576
PIB (preços de mercado)	% em 4 trimestres	3,0	2,9	2,9	4T23	1,5	1,9
Agropecuária	% em 4 trimestres	-1,1	15,1	15,1	4T23	-1,6	3,0
Indústria	% em 4 trimestres	1,5	1,6	1,6	4T23	2,3	1,9
Serviços	% em 4 trimestres	4,3	2,4	2,4	4T23	1,6	1,7
Consumo das famílias	% em 4 trimestres	4,1	3,1	3,1	4T23	1,7	1,6
Consumo do governo	% em 4 trimestres	2,1	1,7	1,7	4T23	0,8	1,1
FBCF	% em 4 trimestres	1,1	-3,0	-3,0	4T23	0,0	2,1
Exportações BSNF	% em 4 trimestres	5,7	9,1	9,1	4T23	4,2	5,0
Importações BSNF	% em 4 trimestres	1,0	-1,2	-1,2	4T23	2,2	1,5
Taxa de investimento (FBCF/PIB)	% do PIB, em 4 trimestres	17,8	16,5	16,5	4T23	16,0	15,7
Produção industrial (PIM-PF)	% em 12 meses	-0,7	0,2	0,4	jan/24	2,5	2,1
Comércio varejista restrito (PMC)	% em 12 meses, volume	1,0	1,6	1,8	jan/24	2,6	3,0
Taxa de desemprego (PNAD C.)	% da FT, média em 12 meses	9,3	8,0	7,9	fev/24	7,7	6,9
CAGED	Saldo líquido, milhares de postos em 12 meses	2.011	1.478	1.640	fev/24	1.500	791
Salário-mínimo	R\$ correntes, final de período	1.212	1.320	1.412	mar/24	1.412	1.499
NUCI (FGV)	% - média do período (12 meses)	80,7	80,3	80,8	mar/24	80,6	80,5
IPCA	% em 12 meses	5,8	4,6	4,5	fev/24	3,7	3,8
IGP-M	% em 12 meses	5,5	-3,2	-4,3	mar/24	1,4	4,0
IPC-FIPE	% em 12 meses	7,3	3,2	3,0	fev/24	3,3	3,6
R\$/US\$	final de período	5,22	4,90	5,05	01/abr/24	5,00	5,03
R\$/US\$	média do período	5,16	4,99	4,98	mar/24	4,98	5,01
Juros nominais (Selic)	% a.a. - final de período	13,75	11,75	10,75	01/abr/24	9,00	8,50
Juros nominais (Selic)	% a.a. - média do período (12 meses)	12,63	13,25	12,58	mar/24	10,08	8,54
Juros reais ex-ante (Swap 360)	% a.a. - média do período (12 meses)	7,42	6,96	6,64	mar/24	5,31	5,08
TJLP	% a.a. - final de período	7,20	6,55	6,53	mar/24	6,48	6,50
Risco-Brasil (Embi+)	pontos-base - final de período	259	194	208	01/abr/24	196	183
Risco-Brasil (Embi+)	pontos-base - média	304	228	207	mar/24	201	190
Ibovespa	pontos, final de período	109.735	134.185	126.990	01/abr/24	135.038	139.419
Conta corrente (BPM6)	US\$ bi (12 meses)	-48,3	-28,6	-24,7	jan/24	-29,4	-49,7
Conta corrente (BPM6)	% do PIB (12 meses)	-2,5	-1,3	-1,1	jan/24	-1,3	-2,0
Balança comercial (MDIC)	US\$ bi (12 meses)	61,6	98,6	106,0	fev/24	88,7	70,0
Exportações	US\$ bi (12 meses)	334,2	339,4	347,2	fev/24	335,2	330,0
Importações	US\$ bi (12 meses)	272,6	240,8	241,2	fev/24	246,6	260,0
Investimento direto (BPM6)	US\$ bi (12 meses)	74,6	62,0	64,2	jan/24	93,7	96,0
Reservas internacionais	US\$ bi - final de período	324,7	355,0	355,0	28/mar/24	363,5	372,2
Dívida externa	US\$ bilhões	319,6	339,2	339,2	dez/23	347,8	355,3
Resultado primário	% PIB (12 meses)	1,2	-2,3	-2,2	jan/24	-0,7	-0,2
Déficit Nominal	% PIB (12 meses)	4,6	8,9	9,1	jan/24	7,1	6,1
Dívida Bruta do Governo Geral	% PIB (12 meses)	71,7	74,3	75,0	jan/24	78,9	80,7

Elaboração: LCA Consultores.

## Projeções mensais - Brasil

	IPCA (%a.m.)	IGP-M (%a.m.)	R\$/US\$ (média mensal)	Selic (%a.a.)* (final de período)	Risco país (pontos-base) (média mensal)
set/23	0,26	0,37	4,94	12,75	206
out/23	0,24	0,50	5,07	12,75	201
nov/23	0,28	0,59	4,89	12,25	200
dez/23	0,56	0,74	4,90	11,75	194
jan/24	0,42	0,07	4,91	11,25	199
fev/24	0,83	-0,52	4,96	11,25	211
mar/24	0,23	-0,47	4,98	10,75	207
abr/24	0,24	-0,16	4,97	10,75	203
mai/24	0,28	0,08	4,97	10,25	203
jun/24	0,13	0,23	4,98	10,00	203
jul/24	0,09	0,26	4,99	9,75	198
ago/24	0,17	0,21	4,99	9,75	198
set/24	0,18	0,13	4,99	9,50	198
out/24	0,32	0,53	5,00	9,50	196
nov/24	0,28	0,55	5,00	9,25	196
dez/24	0,46	0,49	5,00	9,00	196
jan/25	0,45	0,35	4,99	8,75	195
fev/25	0,66	0,15	4,99	8,75	195
mar/25	0,37	0,23	4,99	8,50	195
abr/25	0,37	0,25	4,99	8,50	193

\* Meta Selic definida nas reuniões do Copom.

## Internacional

Indicador	Unidade	2022	2023	Última observação		Projeções		
						2024	2025	
PIB	Mundo (conceito FMI)	% 4 trimestres	3,2	2,8	-	-	2,5	2,8
	EUA	% 4 trimestres	1,9	2,5	2,5	4T23	2,0	1,5
	Japão	% 4 trimestres	0,9	1,9	1,9	4T23	0,4	1,0
	EuroZona	% 4 trimestres	4,3	0,9	0,9	4T23	0,5	1,2
	China	% 4 trimestres	2,9	5,2	5,2	4T23	4,2	4,0
	Argentina	% 4 trimestres	5,0	-1,6	-1,6	4T23	-2,6	1,0
Inflação	EUA (CPI)	%12 meses	6,4	3,3	3,2	fev/24	2,5	2,2
	EUA (núcleo do CPI)	%12 meses	5,7	3,9	3,8	fev/24	2,9	2,2
Juros	Fed (teto da meta)	% a.a. (fim de período)	4,50	5,50	5,50	01/abr/24	4,75	3,25
	T-Note (10 anos)	% a.a. (fim de período)	3,62	4,02	4,33	01/abr/24	4,42	3,31
	BCE	% a.a. (fim de período)	2,27	4,50	4,50	01/abr/24	2,50	2,25
Commodities	Petróleo (WTI)	US\$ - média 12 meses	94,3	77,6	77,8	mar/24	77,3	75,1
	CRB Spot	Índice - média 12 meses	593	546	539	mar/24	523	530